

**A REPRESENTAÇÃO NEGRA NAS TELENÓVELAS BRASILEIRAS:
COMO A TELENÓVELA “VIVER A VIDA” RETRATA
SOCIALMENTE – IMPLÍCITA E EXPLICITAMENTE – A
SOCIALIZAÇÃO DA PESSOA NEGRA NO BRASIL?
THE BLACK REPRESENTATION IN BRAZILIAN TELENÓVELAS
HOW DOES THE TELENÓVELA "VIVER A VIDA" PORTRAY SOCIALLY - IMPLICITLY AND
EXPLICITLY - THE SOCIALIZATION OF THE BLACK PERSON IN BRAZIL?**

SANTOS, Suzane Luz Pereira¹
PENHA, Edneia²
RIBEIRO, Alexandre³
RIBEIRO, Jucimário⁴
QUEIROZ, Gabriel Sá Barreto⁵
SILVA, Raiane Lai Garcia⁶

RESUMO

O artigo aborda a representação imagética e comportamental da socialização negra na telenovela “Viver a vida” de Manuel Carlos produzida pela Rede Globo em 2009. O *corpus* da pesquisa é composto pela análise dos capítulos (01, 41, 106 e 209) da referida obra dramaturgicamente. Primeiro, o artigo se concentrou no entendimento da formação histórico-social da população negra brasileira. Ademais, analisou os 04 (quatro) capítulos referidos, tomando como objeto de observação: a classe social, a atividade profissional, as relações sociais e a representação visual de cada personagem negro da novela. Posteriormente, fez-se um confronto crítico dessas representações com a realidade social brasileira sobre a população negra. Por fim, discutiu-se três pontos de análise: os estereótipos sustentados pela novela, a tentativa de criar um contexto social positivo negro na telenovela “Viver a vida” e a existência ou não de uma consciência e representação negra nessa telenovela.

Palavras-chave: Telenovela brasileira; Representação, Pessoa negra, Identidade; Socialização.

¹ Graduando do Curso de Direito da Universidade Estadual da Bahia – UNEB; Graduada em Segurança Pública e Defesa Social pela Academia de Polícia Militar da Bahia – APMBA; Pós-graduada em Direito Militar pela Faculdade Batista Brasileira – FBB, suzie-luz@hotmail.com

² Graduada em Administração de Empresas pela Faculdade de Ciências Empresariais. Graduando em Direito na Universidade Estadual da Bahia. Email: edneiapenha@hotmail.com Graduando em Direito na Universidade Estadual da Bahia. Email: gabrielsabarreto123@gmail.com

³ Graduando em Direito na Universidade Estadual da Bahia. Email: alexandreriibeiro@gmail.com

⁴ Graduando em Direito na Universidade Estadual da Bahia. Email: jmdireitoun@gmail.com

⁵ Graduando em Direito na Universidade Estadual da Bahia. Email: gabrielsabarreto123@gmail.com

⁶ Graduando em Direito na Universidade Estadual da Bahia. Email: raianelai10@gmail.com

ABSTRACT

The article approaches about the imagery and behavioral representation of black socialization in Manuel Carlos's TV drama "Viver a Vida" produced by Rede Globo in 2009. The *corpus* of the research is composed by the analysis of chapters (01, 41, 106 and 209) of referred to as the dramaturgical work. First, the article focused on understanding the historical-social formation of the Brazilian black population. Moreover, it analyzed the 4 mentioned chapters, taking like object of observation: the social class, the professional activity, the social relations and the visual representation of each black personage of the novel. Subsequently, was did critical confrontation of these representations with the Brazilian social reality about the black population was made. Finally, three points of analysis were discussed: the stereotypes sustained by the novel, the attempt to create a positive black social context in "Viver a vida" and the existence or not of a black consciousness and representation in this novel.

Key-words: Brazilian novel; Representation, Black Person, Identity; Socialization.

1. INTRODUÇÃO

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2015, 54% dos habitantes do Brasil se declaravam negros, consagrando o país como nação com maior número de negros fora do continente Africano. Entretanto, essa maioria numérica absoluta, nunca na história brasileira, permitiu o protagonismo do povo negro no cenário social, político, cultural, dentre outros, o inverso disso se fez verdadeiro: a exploração econômica dessa parcela social, a marginalização dessa minoria social de direitos e liberdades individuais e a constante reafirmação de preconceito racial e de posição subalternizada da população negra em relação às elites econômicas brancas, em grande parte, europeizadas.

Essa construção sociocultural deve-se, em grande parte, ao histórico colonial brasileiro, cujo uma das principais características foi a escravidão negra para fins de trabalhos braçais em lavouras. Nessa perspectiva, mesmo após mais de 100 anos da abolição da escravatura, persiste uma visão colonial de desigualdade de relações entre negros e brancos, de suas atividades trabalhistas na sociedade, de seus direitos básicos, tais como, à educação, à saúde, à moradia, dentre outros. Entretanto, houve sim uma modificação mínima na estrutura social, alguns indivíduos da população negra aos poucos vêm alcançando mais espaço nas relações sociais, mas o *locus* daqueles ainda subalternizados, mudou, não são mais os escravizados ou ex-escravos, hoje estão, ao observar as incongruências sociais derivadas de todo o processo supracitado no país, “[...] onde a maioria dos pobres é da raça negra e em que a maioria dos criminosos não é de brancos.” (ARAÚJO, 2003, p.17)

Por outro lado, hodiernamente a mídia é uma das principais ferramentas de construção e de expressão da identidade cultural contemporânea. Nesse sentido, a Televisão é um de seus meios de comunicação com maior potência de alcance, vide seu imediatismo e longo alcance, algumas das características da efêmera era pós-moderna, denominada por Zygmunt Bauman de Modernidade Líquida. Desse modo, a TV foi e é um grande meio de formação de opiniões, fazendo-o muitas vezes de maneira não reflexiva.

Dentro desse contexto, as telenovelas no Brasil são inegavelmente, por mais que aos poucos venham perdendo força de expressão, os produtos midiáticos televisivos com maior popularidade na sociedade Tupiniquim. É justo, por conta disso questionar os limites da verossimilhança da representação sociocultural nesses aparelhos dramaturgicos, visto que as representações podem ser caricaturadas ou com enfoque numa parcela social, por consequência

secundarizarão de outra, por questões como o mercado publicitário e o atendimento dos interesses da emissora.

Nesse âmbito, pretendemos mostrar através da análise de alguns capítulos (01, 106 e 209, respectivamente o primeiro, o intermediário e o último capítulo) e ainda o capítulo 41 por ser um dos mais impactantes da telenovela “Viver a vida”, escrita por Manuel Carlos e exibida em 2009 pela Rede Globo, como ela retrata a socialização da pessoa negra no Brasil. A telenovela será o nosso foco por possuir grande audiência no país e por poder ser instrumento de formação e de expressão da identidade cultural. Mais especificamente, a novela “Viver a vida” foi escolhida por ter sido a primeira dos horários das 21h com a personagem principal negra, em especial, por ser uma “Helena” personagem clássica da dramaturgia de Manuel Carlos que sempre foi representada por uma mulher branca.

O objetivo, portanto, é demonstrar que o enredo da novela traz duas percepções, a primeira, que Helena é a exceção que confirma a regra da representação dos negros na telenovela, pois é a única desse grupo social que é apresentada como bem-sucedida; segundo, que ainda existe uma desigualdade de relações, por vezes, de subalternização e de humilhação dos negros em relação aos brancos.

Não é papel da televisão, nem das representações dramatúrgicas novelísticas acabar com as desigualdades sociais do país, nem tampouco findar com os preconceitos ainda existentes contra diversos grupos sociais. Todavia, existe a possibilidade desses grupos minoritários, em especial os negros, estarem sendo representados de tal forma que contribua para a sustentação e perpetuação de uma figura desfavorável e, por vezes, tendenciosa quanto a sua participação sociocultural, conforme será demonstrado no presente trabalho.

2. METODOLOGIA

Análise do ambiente social, características, ações e falas da (o) s personagens negra (o) s na telenovela da Rede Globo “Viver a Vida” escrita por Manuel Carlos, exibida entre 2009 e 2010 no horário das 21:00.

As etapas dessa pesquisa compreendem:

- 1) *Revisão bibliográfica*: textos, em especial, artigos com temática relacionada com a representação dos negros em diversas esferas artísticas como no cinema, em telenovelas, programas de humor, teatro e historinhas em quadrinho. Do mesmo modo, buscar-se-á documentos audiovisuais sobre a representação dos negros como o documentário “A negação do Brasil”. Dessa maneira, pode-se obter melhores referencias e encaminhamento para desenvolvimento da pesquisa.
- 2) *Análise do enredo e dos atores/personagens*: serão observados aqueles que apresentam maior destaque. A escolha desses atores/personagens dar-se-á por uma observação fenotípica negra. As informações necessárias para essa análise serão coletas do site Memórias Globo.
- 3) *Imersão*: isto é, adentrar no enredo da história de “Viver a Vida” 3 capítulos da telenovela, a saber: o capítulo 1, o capítulo 106 e o capítulo 209, pois esses são respectivamente o primeiro, o intermediário e o último capítulo. Através desses episódios acredita-se ser possível entender o contexto geral do enredo e destacar questões pontuais sobre a questão da representação social dos negros no Brasil. Tais capítulos a serem estudados serão assistidos através do site Dailymotion.
- 4) *Confronto*: após as análises feitas, estudos comparativos serão realizados entre os personagens, sua história, a sua entorno social e outros fatores com a realidade. A partir dessas informações tentaremos perceber ou não estereótipos ou preconceitos enraizados nessa Telenovela.

Em suma, serão utilizados perfis metodológicos que busquem mais percepção qualitativa do que quantitativa, em especial, por meio de pesquisas documentais, pois a coleta de informações se darão por meio de documentos de diversificados formatos (como vídeos e textos), mas sempre com a manutenção do foco na questão de o retrato do negro brasileiro na Telenovela “Viver a Vida”, utilizando outras fontes apenas como ferramentas norteadoras de pesquisa.

3. ANTECEDENTES HISTÓRICOS E SOCIAIS

No século XVI, os portugueses chegaram ao Brasil impondo domínio aos nativos que já se encontravam no país, sendo criados a partir de então uma colônia na qual “a raça superior” conquistou significativos lucros. No geral, esse fortalecimento econômico que foi “conquistado” pelos europeus, só foi possível devido à intensa exploração dos nativos. Essa exploração não foi apenas da força de trabalho, havendo também a exploração sexual dos mesmos. Essa interação entre colonizadores europeus e índios que aqui viviam resultou na primeira geração de mestiços, começando o intenso processo de miscigenação.

A miscigenação que ocorreu continuamente no Brasil foi intensificada com a chegada dos negros (escravos) no país; essa intensificação também ocorreu devido ao abuso sexual dos europeus sobre as escravas. Com base nessa análise, o que é possível identificar de positivos acontecimentos? O progresso econômico europeu com a constante depreciação da população negra e nativa, através da exploração sexual e de sua força de trabalho? Sendo assim, segundo as disposições de Alencastro (2000):

Houve no Brasil um processo específico que transformou a miscigenação — simples resultado demográfico de uma relação de dominação e de exploração — na mestiçagem, processo social complexo dando lugar a uma sociedade plurirracial. O fato de esse processo ter se estratificado e, eventualmente, ter sido ideologizado, e até sensualizado, não se resolve na ocultação de sua violência intrínseca, parte consubstancial da sociedade brasileira (p. 353).

Nesse contexto, ao analisar os vieses do mito da democracia racial, é perceptível a forte violência simbólica sobre os mesmos, sendo tal fato herança do passado escravocrata o qual os negros foram submetidos. E por falar em passado, nada mais adequado que analisar o cenário que as “mucamas” se encontravam: vivendo na casa do “senhor” era lhe reservado o trabalho “leve”, eminentemente doméstico; não lhe cabia fazer parte da família, lhe cabia “servir” a família, e somada as suas atribuições domésticas lhe era reservada viver com as corriqueiras explorações sexuais, sendo até aceitável para um “senhor” ter um filho concubinato, mas era inadmissível o seu casamento com uma mulher negra (GONZALEZ, 1984).

As relações sexuais entre os senhores e escravas desencadeavam processos de interação social que ia de encontro com a estratificação em castas. Com isso, homens brancos e negros disputavam as negras, do mesmo modo que mulheres brancas e negras disputavam a atenção do homem branco. E, nesse contexto, os filhos do “senhor” que eram criados pelas escravas, passavam por um processo de interação social com a mãe negra que conseqüentemente resultava na destituição da mãe branca de seu papel familiar, já que cabia a escrava cuidar do

herdeiro do “senhor” desde o seu nascimento, exercendo de fato a função materna. Fatos como esse ainda são representados midiaticamente como representação do negro na sociedade, sendo resultado de uma dicotomia histórica como retrata Nunes (2006):

A escravidão negra no Brasil trouxe profundas marcas para a sociedade contemporânea. A ambiguidade presente no pós-abolição – ao negro não é negado o direito de ser livre, mas lhe são negadas condições dignas de vida, repetindo-se, muitas vezes, lógicas semelhantes à da escravidão –, de alguma forma, persiste nos dias de hoje por meio de práticas racistas, sejam elas explícitas ou não (p.89).

Dentro dessa análise, é perceptível que desde a época colonial até a contemporaneidade, mesmo com o advento da abolição da escravidão, existe uma separação quanto ao espaço físico ocupado pelos brancos e negros. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias requintadas, situadas nos mais belos recantos e protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores até à polícia formalmente constituída. Já o lugar natural do negro é da senzala às favelas, cortiços, invasões e conjuntos habitacionais, nesse espaço também se tem a presença policial; só que não para proteger, mas para reprimir. É por aí que se entende porque o outro lugar natural do negro sejam as prisões; é por aí que se entende porque a herança maldita da colonização deixa excedentes vestígios sobre a realidade do país (GONZALEZ, 1984). Desse modo, segundo dispõe Albuquerque e Fraga Filho (2006):

Pode-se caracterizar o Brasil colonial e imperial como uma sociedade escravista, e não apenas uma que possuía escravos. Podemos dizer também sociedade racista, na medida em que negros e mestiços, escravos, libertos e livres, eram tratados como “inferiores” aos brancos europeus ou nascidos no Brasil. Assim, ao se criar o escravismo estava-se também criando simultaneamente o racismo. Dito de outra forma, a escravidão foi montada para a exploração econômica, ou de classe, mas ao mesmo tempo ela criou a opressão racial. (p. 69)

Dessa forma, o processo escravocrata vivenciado pela Brasil possibilita identificar a dimensão estrutural do racismo na contemporaneidade. Na colonização, os africanos tentavam resistir às condições que lhes eram impostas e atualmente não é diferente. Os descendentes dos nativos e africanos, lutam continuamente e arduamente pelo direito de igualdade; e se antes os escravos lutavam pela conquista de quilombos, hoje em dia o negro luta pelo direito de moradia. Sendo assim, a representação midiática ao retratar o espaço do negro, carrega em si uma intensa carga de fatores históricos, que é fortemente reproduzida e erroneamente reduzida nas telenovelas de Brasil, já que em alguns momentos Grijó e Sousa (2012, p. 188) reforça preconceitos difundidos no senso comum e exclui expressões da cultura negra, como será analisado ao longo do presente artigo.

4. A TELENÓVELA “VIVER A VIDA” RETRATA SOCIALMENTE O NEGRO NO BRASIL: DESCRIÇÃO DOS PERSONAGENS NEGROS

Helena (Taís Araújo), personagem principal da trama, é uma *Top model* de renome internacional. Está no auge da carreira, aos quase 30 anos. Criada em Búzios, balneário do Rio de Janeiro, foi para a capital ainda na adolescência, onde iniciou sua carreira, é solteira e tem na fotografia um *Hobby*. Sandra, irmã de Helena, personagem de Aparecida Petrowki, não se desenvolveu profissionalmente, não possui carga de estudos e se relaciona com o marginal “Benê” (Marcelo Mello Jr.), que inicia a novela sendo perseguida por policiais e nessa perseguição é agredida por um deles. Benê, segundo a descrição do site “memórias globo”, seria um mau-caráter que estaria sempre envolvido com as pessoas erradas e que já possui algumas passagens criminosas. Paulo (Michel Gomes), irmão caçula de Helena é tido como estudioso, segundo a própria irmã. Ronaldo (César Melo) é padrasto de Helena, dono de uma pousada em Búzios em sociedade com a mãe de Helena, Edite (Lica Oliveira) com quem é casado. Oswaldo (Laércio de Freitas), pai de Helena, toca piano nas noites e vive de trabalhos esporádicos com essa atividade musical. Dalva (Márcia di Milla) é empregada doméstica.

5. O BRASIL QUE NÃO SE VÊ: A NÃO REPRESENTAÇÃO NEGRA

A mídia é responsável pela informação de boa parte da população. No Brasil essa mídia foi construída com base no mito da democracia racial, se fortaleceu e, de certa forma, foi responsável pela dificuldade de grande parcela dos afro-brasileiros em cultivar a sua autoestima.

Na virada para o século XXI, passados mais de cem anos do início do movimento eugenista, negros e índios continuam vivendo as mesmas compulsões desagregadoras de uma auto-imagem depreciativa, gerada por uma identidade racial negativa e reforçada pela indústria cultural brasileira, a qual insiste simbolicamente no ideal de branqueamento, sendo um dos seus corolários o desejo de euro-norte-americanização (ARAÚJO, 2000, p. 25).

Nesse processo de manipulação pode ser demonstrada, a forma como a mídia manipula a cultura e domina formas e normas sociais estabelecendo culturas e modo de viver, como por exemplo na novela *Viver a Vida* na cena em que Teresa (Lilia Cabral) ofende e agride Helena. Na semana em que se comemorava o "Dia da Consciência Negra", a Rede Globo apresentou uma jovem negra vítima de racismo que se ajoelha e pede perdão de forma servil.

Ao exibir tal cena, pode-se inferir que:

A televisão se caracteriza por uma coisa: entretenimento, relaxa e diverte. Cultiva ao homo ludens, porém a televisão invade toda nossa vida, se afirma inclusive com um dormidor. Depois, de haver ‘formado’ as crianças, continua formando, de algum modo, influenciando os adultos por meio de ‘informação’. Em primeiro lugar, lhes informa notícias (mais que noções), e depois proporciona notícias do que acontecem no mundo, por distante ou acerca que sejam. A maioria destas notícias termina por ser desportivas, ou sobre sucessos, ou sobre assuntos do coração (ou lacrimogêneas) ou sobre diferentes catástrofes. O que não é óbvio para que as notícias de maior repercussão, de maior importância objetiva, sem que se trate de informação política. As informações sobre a polis (nossa cidade). Saber de política é muito importante, porque a política condiciona toda nossa vida e nossa convivência. A cidade perversa nos encarcera, há pouco ou nada livre da malha política - que obviamente inclui a política econômica - que nos empobrece. (SARTORI, 1998, p. 65).

A partir dessa caracterização da televisão brasileira, o artigo busca discutir a aparição de negros a partir da análise dos estereótipos sob os quais estes aparecem representados, de modo que seja possível apontar permanências e rupturas tanto no que diz respeito à quantidade, como no que tange ao discurso. Além de tentar demonstrar que mesmo com os mais de cem anos que separam a atualidade da Abolição da Escravatura, o discurso midiático (e publicitário, em especial) reproduz o registro branco do Brasil forjado no século XIX, escamoteando a presença do negro e retratando-o com base em releituras de estereótipos oitocentistas. Segundo Joel Zito:

É possível identificar as manifestações de uma identidade negra brasileira, com suas bases contrastantes de outras identidades e um referencial comum entre afro-descendentes. Essas bases estão no desejo de pertencimento um grupo populacional coeso, em decorrência do sentimento de exclusão e da necessidade de proteção e enfrentamento, diante do preconceito e da discriminação racial existentes na sociedade brasileira (ARAÚJO, 2000, p.30).

A origem da representação atual dos negros, não apenas na publicidade, mas em toda a mídia, reforça estereótipos criados por um racismo científico. Essa visão é avigorada o que leva a formação de uma imagem depreciativa do negro.

Na história das nossas mídias audiovisuais, o desejo de branqueamento da nação, ideário que já estava consolidado desde o século XIX, acabou por se tornar um peso imagético, uma meta racial que nunca provocou rebeldias. Ao contrário, tornou-se convenção e naturalizou-se como estética audiovisual de todas as mídias, incluindo-se aí especialmente a TV, o cinema e a publicidade (ARAÚJO, 2006, p.73).

O que se percebe é que os meios de comunicação acabam por deter o espaço público em prol de interesse dos poucos grupos que detém o poder econômico. Ocorre que os proprietários dos veículos de comunicação capturam o domínio de agenda sobre tudo que é informado ao público e fica certo, neste momento que o que prevalece são as posições ideológicas. Essas posições são implícitas e não são assumidas. Disfarçam ter uma imparcialidade e um viés democrático que não existe.

Nenhuma mídia trata a notícia com objetividade, isso se estende para as mídias de direita, esquerda, centrista ou qualquer outra que exista. No meu livro *Ética na Comunicação*, publicado em 1995 e editado pela Summus, mostrei que não existe objetividade na comunicação. Todo relato sobre o mundo, independentemente do seu porta-voz, será parcial e tendencioso. A objetividade pressupõe uma capacidade divina de onisciência que nenhum ser humano, especialmente os jornalistas, possui. A minha crítica em relação à mídia tradicional está no fato de ela pregar a “imparcialidade” e de defender “os interesses do país” sem especificar que o país em questão é o da elite. A omissão de notícias referentes ao uso abusivo da força pelo Estado nos protestos e a tentativa de abafar os escândalos de corrupção dos partidos que a imprensa apoia, mesmo perante manifestações públicas de repúdio por parte da população, mostram como o atual jornalismo está enfrentando uma séria crise. (BARROS FILHO, Associação Brasileira de Imprensa, Entrevista 21/11/2013).

Essa mídia retratada por Barros Filho é a mesma mídia que visibilizou durante anos os negros do contexto televisivo. Acreditamos que essas dificuldades de categorização racial procedem não somente da ideologia do branqueamento, como categorização também da ideologia da mestiçagem e da apropriação e transformação da cultura negra, que foram repensadas a partir de autores com Gilberto Freyre em seu livro *Casa Grande Senzala* e das necessidades que, por conseguinte vieram a repensar conceitos de identidade brasileira.

Não obstante a mídia se faz presente utilizando de armas poderosas como a própria linguagem, criando e reproduzindo motivações, modos de pensar e agir da sociedade, muito mais comprometida em defender seus interesses do que representar a sociedade e dessa forma posiciona-se de maneira ideológica, favorecendo-se do seu poder midiático. E foi essa representação que a mídia trouxe para dentro das casas de milhões de brasileiros, e boa parte destes negros e negras. Entretanto houve reações por parte de setores da sociedade preocupados com essa extrapolação do preconceito velado para o âmbito do racismo aberto. A exigência da “boa aparência”, foi característica da mídia durante muito tempo e hoje ainda temos vistos modelos eurocêntricos como exigências de boa aparência.

Assim a mídia se fortaleceu e criou estratégias para garantir a audiência. Os meios de comunicação afugentaram a estilo de ver o mundo que eles ampliaram brutalmente, tanto por meio dos acontecimentos que o jornalismo comunica quanto da experiência proporcionada pelas diferentes formas de arte e entretenimento. O meio dominante (a televisão), em especial, modificou a vida cotidiana, incluindo aspectos tão básicos quanto à gestão do tempo e do espaço (doméstico ou social).

A mídia, e daí cabe ressaltar a TV aberta e por assinatura, rádio, jornais, revistas, cinema, indústria fonográfica, *internet* etc., tornou-se parte integrante da vida da sociedade e é um de seus companheiros mais frequentes. Refletir sobre a mídia televisiva hoje é analisar, sua grande força e acúmulo de poder, que constrói a realidade, e cria a pauta de discussão da

população, ou seja, grande parte do que é discutido nos diversos segmentos sociais tem origem na mídia, é determinado, até certo ponto por ela. Não obstante as questões raciais foram manipuladas e as identidades também foram construídas a partir de uma vertente midiática.

Ao analisar as questões de representação do negro (a), é possível também considerar o processo de seleção e de escolha do que vai ou não ser divulgado, a ênfase em determinados aspectos ou assuntos, a escolha dos temas a serem representados, a omissão ou camuflagem de determinadas imagens, a representação positiva e negativa de fatos ou imagens, todo esse conjunto revelam as opções por determinadas perspectivas ao invés de outra. E traz-se aqui a questão mais inquietante desta pesquisa. Por que os negros demoraram tanto para serem representados de maneira afirmativa na mídia televisiva? Por que os papéis de subordinação ficaram relegados aos negros? No caso da população negra brasileira, a questão da presença/ausência de indivíduos negros na grande mídia, seja ela imprensa audiovisual ou eletrônica, deve ser considerada minimamente nessas duas dimensões; a da política de invisibilidade e a do tratamento que lhe é dado.

Ainda que dados nos sejam apresentados frequentemente acerca das chamadas “minorias” sociais, estatísticas nos provam que apesar de consideradas “minorias”, esses sujeitos indivíduos que mais sofrem com a discriminação e marginalização social, são maioria, em números, na população brasileira. Esse lugar de privilégio social, ocupado por poucos – brancos, homens, heterossexuais, de camadas sociais altas, etc. – é reflexo de uma televisão brasileira mantenedora de tais padrões estereotipados que não reflete a diversidade cultural – tão ovacionada por essa mesma TV – do nosso país.

Questionamos aqui a manutenção hegemônica e arbitrária desses lugares de privilégios e marginalização retratados na Televisão brasileira e o reflexo de tal fato na população. A Rede Globo de Televisão é a emissora brasileira que concentra o maior número de repórteres negros. Mesmo assim, o número não chega a dez, de acordo com o jornalista, pesquisador e professor da Unesp de Bauru, Ricardo Alexino (2003). A pequena parcela de negros na televisão vai além dos telejornais e pode ser observada também nas telenovelas. Quando é comprado esses dados a outros tantos números estatísticos de pessoas negras ocupando cargos de relevância social e política, nota-se que há pouca diferença com a inexpressividade midiática na representação da pessoa negra. Sendo assim, até que ponto se compreende a responsabilidade que o meio de comunicação televisivo assume na reverberação da manutenção de tais padrões hegemônicos?

Pensar numa equidade racial para a mídia brasileira seria o ideal de desconstrução de problemáticas do afrodescendente, frente às armadilhas que o discurso social e políticos caracterizaram como legítimas. A baixa participação dos negros nos meios de comunicação e

essa representação estereotipada, principalmente na publicidade devem ser combatidas e pressionadas, de modo a enfraquecer discursos racistas. Mas como fica o negro na mídia? Lahni explicita:

A mídia absorve, reelabora e transmite o imaginário coletivo nas representações sociais. Como fica o negro na mídia? Não muito diferente da sua realidade social. É verdade que a realidade está se modificando, o problema é que essa mudança é muito lenta. Enquanto isso os afro-brasileiros que estão à margem da sociedade desde a abolição da escravatura (e durante a escravidão), agora continuam marginalizados nas favelas, com acesso precário ao estudo e emprego e também sem ser representados na sociedade (cargos políticos) e na mídia (jornalistas, atores e personagens que realmente identifiquem os afro-brasileiros), (LAHNI, 2007 p. 83).

Nessa perspectiva de análise Stuart Hall afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Nesse sentido, as nações seriam mais do que entes políticos, seriam um sistema de representação cultural (HALL, 2005, p. 48). Hall traz justamente o que essa pesquisa visa refletir: a representatividade que a mídia brasileira coloca a população negra desse país.

O autor ainda traz a seguinte reflexão: que a cultura nacional pode ser vista como “um discurso – um modo de construir sentidos repensando na influência e organização das ações quanto à concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2005, p. 50). Tais sentidos estariam “contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. A identidade nacional seria, portanto, uma “comunidade imaginada” (HALL, 2005, p. 51).

Não podemos deixar de refletir acerca da história do negro e lembrar que ele era visto como o símbolo maior do atraso e degradação do país. E o racismo científico servia de caução para a imagem de ser bestial e degenerado que já havia sido construída e que estava presente no imaginário nacional. Visto como um problema social, o negro era uma ameaça ao Brasil que nascia.

Nessa perspectiva, Sodré (1900) comenta: “Era preciso ter um perfil identitário com alguma valorização frente à Europa e, ao mesmo tempo, manter nos lugares dominados os negros e índios, esses que efetivamente constituíam as possibilidades concretas de povo” (SODRÉ, 1999, p.80).

E dessa forma a mídia prosseguiu o que se via eram padrões eurocêntricos, o negro sempre no lugar de subalterno. Imagens degenerando o negro (a), não faltaram nas telenovelas, na publicidade em geral.

Realmente, é inegável que nos últimos anos venha ocorrendo um aumento na participação de negros nos anúncios publicitários. Seja por pressão do movimento negro ou

pautada no politicamente correto, fato é que a propaganda se abriu para o afrodescendente. No entanto, conforme adverte Solange Couceiro de Lima, como “está acontecendo essa abertura, em termos qualitativos e quantitativos, a análise dessas propagandas e de suas mensagens, ainda está demandando pesquisa” (COUCEIRO DE LIMA, 2006, p.58-59).

6. ANTIGOS ESTEREÓTIPOS E BUSCA DE CONTEXTO POSITIVO NA TELENOVELA “VIVER A VIDA”

Como se discute no documentário “A negação do Brasil”, inspirado no livro de Joel Zito Araújo, o negro na telenovela brasileira comumente é estereotipado. Esses estereótipos que reforçam uma visão de colonialidade, onde há continuidade no ideário escravocrata, de superioridade do branco sobre o negro, que anuncia a existência de um outro absoluto, onde o branco teria transcendência e o negro seria coisificado, assim como Beauvoir denunciou sobre a visão do homem em relação a mulher. Mesmo porque a estrutura que produz as novelas tanto os escritores quanto a própria indústria midiática são representantes da classe dominante, essa que reproduz essa imagem de colonialidade, pois se perpetua no poder através dessa mentalidade, como diria Jessé de Souza no livro “A elite do atraso”.

Assim, levando em consideração a análise feita por Araújo no livro, das telenovelas brasileiras no período 1963-1997, e comparando com o que a novela da Rede Globo “Viver a vida”, escrita em 2009 por Manoel Carlos, houveram evoluções no tocante aos estereótipos, entretanto ainda é possível perceber a persistência de muitos deles que disseminam uma imagem de subalternidade do negro.

Algumas dessas coisificações permaneceram e outras mudaram a forma de demonstração da inferiorização, o que temos de positivo é o aumento de atores negros com maior complexidade e colocado em espaço de poder, o que na novela objeto de nosso estudo é plasmada na personagem Helena, interpretada pela atriz negra Taís Araújo, onde se criou muitas expectativas por ser Helena uma personagem que marca as novelas do escritor Manuel Carlos, como protagonistas, personagem bem aprofundadas, mulheres fortes e bem sucedidas.

Desse modo, através dos estereótipos explicitados no livro de Araújo é possível perceber que muitos continuaram presentes na novela, a exemplo do estereótipo do negro criminoso, onde o papel normalmente é desempenhado por atores negros mirins ou jovens adultos, que sustentam aquele clichê do “trombadinha”: moleque pobre, da favela, periferia, que acaba se

envolvendo no crime por não ter muitas outras alternativas de sustento, plasmado na figura de Benê, um traficante barra-pesada, que namora a Sandra irmã da Helena.

Além das tradicionais empregadas domésticas, constantemente usado nas novelas e demais programas de dramaturgia, reforça mais de um dos estereótipos atribuídos à mulheres negras que é possível ver na personagem Nice, empregada de Tereza; Zenaide, empregada de dona Edite também mulher negra o que explicita um pouco um tema falado no livro por Araújo, a ideia de que a ascensão social negra muitas vezes os fazia reproduzir a dominação que o branco faz sem uma consciência real do racismo; Dalva empregada de Ingrid, que é uma mulher negra com pouco desenvolvimento na novela assim como a maioria das domésticas, entretanto há um avanço pois não existem estereótipos tão fortes e caricaturados apresentados pelo documentário “A negação do Brasil” no qual não são fofoqueiras e cômicas, todavia tanto a Zenaide quanto a Dalva passam um ar de criada *mami*, que seria criada amorosa superprotetora, já a criada sexualidade não houve identificação o que demonstra um avanço no imaginário.

No primeiro capítulo é explicitado que Helena (Taís Araújo) é uma mulher forte e que mantém sob o seu controle os problemas familiares com serenidade, já a Luciana (Alinne Moraes) os desconta em alguém dando sempre um ar de maior abertura para rebeldia de vilã de personagem complexa que segue seus interesses, diferentemente de Helena que é o ser perfeito que obedece às regras sem ambição real explícita, bom negro, o “homem cordial” referido por Sérgio Buarque de Hollanda.

Além disso, outro ponto a ser explorado é a sexualização da mulher negra que está implicitamente colocado na personagem de Helena, já que essa é a mulher mais nova que toma o lugar da antiga esposa branca, colocada na imagem de Tereza, matriarca de uma família estruturada, entendida como tradicional. Sendo Marcos, ex-marido de Teresa e atual namorado de Helena, um mulherengo, o tradicional homem cafajeste.

7. A CONSCIÊNCIA NEGRA NA TELENOVELA “VIVER A VIDA”

Que o Brasil é um país multirracial, não restam dúvidas. E que a institucionalização do racismo é recorrente também não é. Após longos 300 anos de escravidão, a imagem da população negra ainda é tida como negativa, estando geralmente relacionada à criminalidade e/ou promiscuidade. Nesse sentido, é passível a reflexão do papel do indivíduo negro nas representações televisivas.

Em contexto geral, o que se vê nas redes de TV aberta são bancadas de jornalistas sensacionalistas, que se utilizam da legenda de “combate ao crime”, ou “verdade nua e crua”, onde o que se mostra são perseguições policiais em favelas ou detenção de indivíduos majoritariamente de cor preta que cometem crimes reincidentemente; ou a miséria condicionada à vida da população negra em locais insalubres e marginalizados; e, na maioria das vezes durante as estações ensolaradas, da ginga do bom samba e da mulher negra a desfilarem seminua nas escolas de samba e similares. É com base nesse aspecto central que a população negra é retratada na mídia de forma geral. Nas produções de dramaturgia não é diferente.

Na novela *Viver a Vida*, tema central deste trabalho, percebe-se que há uma protagonista negra, interpretada pela atriz Taís Araújo, pela primeira vez, que ganha importante destaque nos capítulos iniciais. Sobre a posição da personagem, é posta uma esperança na desconstrução do estereótipo da mulher negra nas telenovelas, que na maioria das vezes era retratada como a serviçal, ou a mulher hipersexualizada, ou a “mãe do malandro da favela”. Em dado momento, é possível perceber que haverá, finalmente, mais importância na ação do indivíduo do que a sua posição social. No entanto, essa esperança cai por terra, quando a personagem perde o posto de protagonista para a coadjuvante, interpretada pela atriz Aline Moraes, mulher branca, classe econômica e social média alta, filha de ex modelo e empresário.

A personagem Helena - mulher negra, filha de pai pobre e mãe comerciante, ascendeu socialmente pela carreira de modelo - retorna ao estereótipo anteriormente retratado: a mulher negra que ascende socialmente pela união com um homem branco e deixa a sua carreira para servi-lo. Nesse aspecto, a personagem não exibe mais a importância do ser individual, dotado de habilidades, conhecimentos e talentos próprios para esconder-se na sombra do homem branco que a provê. E, para acentuar ainda mais o seu *lugar”, ela sai do protagonismo para dar a vez à mulher branca, vítima de um acidente e que passa a ter a história mais importante da trama.

Pode-se perceber que, no desenrolar da história, a personagem Helena é colocada sempre em segundo plano, com poucas aparições ou aparições menos importantes a partir do momento que deixa o protagonismo. O retrato das outras pessoas negras que compõem o elenco da telenovela é muito comum ao que sempre fora retratado anteriormente em outras produções televisivas: o homem marginalizado e violento, a mulher que cuida da casa e dos filhos em posição subalterna, a mulher promíscua que enfrenta a família para manter uma relação abusiva com um traficante, pessoas que estudaram pouco ou abandonaram os estudos. Este estereótipo que ainda é amplamente difundido e trabalhado de forma sutil na telenovela em questão é fruto das teorias racistas - que culminaram na previsão de crimes cometidos por cidadãos negros após

a abolição da escravatura, e que mesmo depois de tantos anos, as teorias higienistas ainda configuram a institucionalização do racismo. Isso é perceptível quando um indivíduo negro ocupa um lugar de destaque - como o exemplo da personagem Helena - a sociedade a sucumbe de tal forma para que ele “retorne ao seu lugar de origem”, ou seja, a classe inferior.

A telenovela faz questão de reiterar essa lógica, pois ao longo da trama a notoriedade da personagem Helena no núcleo ascenso se dá pelo seu relacionamento com um homem branco de classe econômica mais alta, como se aquela mulher, de origem pobre, fosse incapaz de alcançar aquele espaço por seus próprios esforços. Quem vê a novela desde o início percebe o quanto o papel da protagonista é apagado em função de outra personagem; quem não acompanha desde o início, sugere que a protagonista é a personagem interpretada pela atriz Aline Moraes. Logo, o estereótipo da população negra continua sendo posto na teledramaturgia brasileira, encarado socialmente como normal - onde a norma moral determina que o “lugar” da população negra é permanecer abaixo da população branca.

Pode-se atribuir essas características, também, à falta de representação negra tanto nos elencos quanto junto ao corpo de produtores. Historicamente, a população negra teve o acesso às posições sociais e políticas cerceados, e a própria conjuntura econômica, política e educacional sempre colocaram a população negra à margem, por isso a dificuldade na representação. O tempo mudou, mas a consciência social ainda resiste. Resiste em reconhecer que há uma dívida histórica com a população negra; resiste em oportunizar, de igual modo, as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social (maioria negra e afrodescendente); resiste em manter privilégios de poucos em detrimento dos direitos (humanos) de muitos (maioria, quantitativamente falando). É preciso reconhecer que o “espaço” social em que a população negra está inserida não é o local ao que ela pertence, mas onde ela foi colocada ao longo dos séculos de escravidão e do último século de exclusão social.

Percebe-se que a consciência negra nas novelas, assim, ainda tem muito a emergir. A ausência da representação positiva e a teimosia midiática em manter a população negra em posição de inferioridade ainda é o grande desafio para que se alcance essa consciência de forma plena, eficaz e em paridade de igualdade às outras culturas, principalmente por se tratar de uma maioria quantitativa de pessoas que não se enxergam nas produções televisivas e, quando se enxergam, estão em posições que não deveriam estar. O simples fato de manter a população negra em condição inferior abre o precedente social de que é este o lugar do homem e da mulher negra na sociedade e mantendo o círculo vicioso do racismo dominando e sufocando a população negra.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O senso comum afirma e reafirma que a mídia transmite o reflexo verossímil da sociedade e as telenovelas reproduzem imageticamente essa percepção. Mas na verdade, o que essa peça dramatúrgica faz é reafirmar contextos sociais distorcidos e, mesmo quando tenta modifica-lo, decai sobre a mesmice estereotipada, em especial, pela existência ainda de um ideal de branqueamento estético pautado no modelo Europeu e Norte Americano.

Nesse sentido, ao início desse artigo inferimos que a telenovela “Viver a vida” poderia trazer a exceção que confirma a regra, o que de fato ocorreu. Pode-se constatar que a “Helena” negra, bem-sucedida era uma exceção se comparada com as outras personagens negras da telenovela, que em via de regra, participavam de uma classe econômica baixa ou média como, empregadas domésticas, mãe solteira, traficante e donos de pousada (a mãe e o padrasto de Helena, cujas posições não são tão fortemente pautadas em estereótipos).

Há ainda a necessidade de salientar as relações sociais entre o branco e o negro, colocando nesse momento na centralidade de observação Helena, que nos capítulos observados mantém uma relação de harmonia com todos os personagens sem nenhum indício de preconceito direto por conta de sua cor. Entretanto, chama a atenção a cena do capítulo 41 quando Teresa discute esbofeteia Helena, esta ajoelhada no chão, mesmo não havendo uma necessária questão racial na cena. Dessa forma, implicitamente pode-se fazer uma leitura subjetiva interpretativa como um ato de submissão do branco sobre o negro ou, discutindo por olhar mais velado do preconceito, do novo *locus* do negro na sociedade, o pobre subordinado à elite.

De mesmo modo, é interessante observar que na primeira novela do horário nobre da Rede Globo, cuja personagem principal é negra, em determinado momento da trama ela perde espaço para a personagem coadjuvante branca, loira de classe média-alta após esta sofrer um acidente e ficar tetraplégica. Não é possível afirmar o porquê dessa mudança, nem sequer afirmar que essa transformação no enredo se deu por qualquer fator ligado especificamente por “Helena” ser negra.

Não se espera das telenovelas, de maneira geral, ver sempre a população negra de terno e gravata ou sempre como parcela bem-sucedida, até porque também seria uma discrepância com a realidade e poderia dar a sensação de “problema resolvido” sobre a desigualdade. Nada disso, seria necessário modificar a forma rebaixada como o povo negro é apresentado, apresenta-los, sim, como o pobre que acorda todos os dias para trabalhar, mas também como o juiz, o médico, pessoas que estão aos poucos galgando espaços sociais antes tão distantes. Logo,

fazer uma construção de personagens e de enredo que colaborem com a atividade de reflexão e racionalização das novas e reais possibilidades que surgem na sociedade.

Os caminhos a serem percorridos e os objetivos a serem alcançados ainda estão distantes, mas a disseminação da informação sobre os negros, apoio a campanhas contra o racismo e afirmação da educação de qualidade para os negros e sobre a história brasileira que inegavelmente foi escrita por mãos afro-descendentes, são algumas ações que possibilitam a construção de uma sociedade mais justa, respeitosa e com maior igualdade de oportunidades para todos, possibilitando a recriação e desenvolvimento da autoestima e da real participação negra na cultura, na sociedade, na política e, como aqui trabalhado, na mídia televisiva.

9. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Alvorada Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**. Brasil: SENAC SP, 2000 ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: O negro na Telenovela Brasileira**. Rio de Janeiro: Senac, 2000.

ARAÚJO, S. C. de. **Discriminação da imagem do negro na tv brasileira**. Disponível em: < <https://ufr.br/comunicacao/index.php/televisao-pdf?download=340:araujo-sheneville-cunha-de> > Acesso em: 05 de maio de 2018.

BARROS Filho. Associação Brasileira de Imprensa, Entrevista 21/11/2013.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

GRIJÓ, Wesley Pereira. SOUSA, Adam Henrique Freire. **O Negro na Telenovela Brasileira: A atualidade das representações**. Disponível em: < <http://ec.ubi.pt/ec/11/pdf/EC11-2012Mai-09.pdf> > Acesso em: 30 de outubro de 2018.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org.: Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende... et all. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2006.

_____. **A cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. Ws. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

LAHNI, Cláudia Regina. Rev. Cient. Cent. Univ. Barra Mansa - UBM, Barra Mansa, v. 9, n. 17, Julho, 2007.

MEMÓRIAS GLOBO. **Viver a vida**. Disponível em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/viver-a-vida.htm>>

Acesso em: 4 de julho de 2018.

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n1/v17n1a07.pdf>> Acesso em: 31 de outubro de 2018.

SARTORI, Giovanni. **Homo videns-la sociedad teledirigida**. Madrid: Santillana. 1998.

SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999